



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11871 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

O tempo de roda ao longo de 3 anos em um Escola de Educação Infantil de Belo Horizonte

Virgínia Souza Oliveira - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Vanessa Ferraz Almeida Neves - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

### **O tempo de roda ao longo de 3 anos em um Escola de Educação Infantil de Belo Horizonte**

Os momentos de roda na Educação Infantil vêm sendo pesquisados há algum tempo no Brasil (BOMBASSARO, 2010; PAIVA et al., 2019; BUSS-SIMÃO e MAFRA-RABELO, 2019; SILVA et al., 2017). Estes momentos podem ser organizados para a leitura de algum livro (PAIVA et al., 2017); algum tipo de conversa ou até mesmo para brincadeiras musicais (SIVA et al., 2017; SILVA, 2021). Vê-se que a intenção para tal organização é diversa, mas cotidiana, ou seja, faz parte da rotina (BARBOSA, 2006) de muitas escolas de Educação Infantil. Em algumas pesquisas feitas em escolas brasileiras, a roda é tida como um (I) “instrumento regulatório” (BUSS-SIMÃO e MAFRA-RABELO, 2019), (II) como um “momento em que o tempo da creche parece assumir mais fortemente a característica de uma sala de aula e o sujeito-criança a condição de sujeito-aluno” (BATISTA, 1998, p. 67 apud BUSS-SIMÃO e MAFRA-RABELO, 2019, p. 261) e também como (III) uma ocasião onde há “um tipo de linguagem, um tipo de conversa, mais valorizada pelas educadoras: a conversa imersa em uma linguagem *pedagogizante*, vazia de encontro e de experiência” (ROSA, 2018, p. 133 apud Idem, p. 257). Mas afinal de que roda estamos tratando nesse texto? Quais seus limites e possibilidades?

Em nosso trabalho não nos referimos às rodas, ou *brincadeiras de roda*, tal qual analisadas por Silva (2021) em sua tese. Aqui, estamos focando nas rodas com regras estruturadas e com uma organização pensada *a priori* pelas professoras, uma vez que, para que ela aconteça é necessário que exista segundo Bombassaro (2010), “a organização espacial do local e os recursos materiais; a postura e a organização espacial dos corpos dos sujeitos que participam das rodas; a convocação e a coordenação da roda por um desses sujeitos,

geralmente o professor” (BOMBASSARO, 2010, p. 29). Vemos, com a descrição da autora, como os momentos de rodas são “complexos e não previsíveis” (BOMBASSARO, 2010). Há toda uma estrutura para que ela se inicie e se mantenha que vai desde a organização corporal das pessoas até o preparo do espaço-tempo da sala.

Nesse sentido, eu, enquanto integrante de uma pesquisa Etnográfica (cujo objetivo é compreender o desenvolvimento cultural de crianças de 0 a 5 anos ao longo da sua trajetória na EI), durante minhas observações e videografações em uma Escola de Educação Infantil (EMEI), vejo no dia 18 de março de 2019 que as crianças de 2 a 3 anos estão formando uma roda: sozinhas! Fico surpresa com o acontecimento:

Voltamos para sala após o café da manhã e algo interessante acontece: Larissa (pseudônimo, assim como todos os outros nomes dos participantes da pesquisa) e Lúcia se assentam em roda com Danilo, Laís, Valéria e Carlos. Elas começam a cantar e Rita, a professora, diz surpresa “uai, a rodinha já começou?”. (18/03/2019 – Notas de campo).

Como isso aconteceu? Ao voltar nas videografações do banco de dados construído por nosso grupo de pesquisa, vi que as crianças tem momentos de rodinha desde o berçário (2017). Estes, se estenderam por 2018 e 2019. Em fevereiro de 2019, podemos ver as crianças esperando 10, 15 minutos para brincarem ou participarem da rodinha, o que não acontecia em 2017 e acontecia pouco em 2018. Ao contabilizar os momentos de rodinha gravados nos três anos mencionados, vimos que em 2017, dos 80 dias observados, foram gravados 4 eventos de roda na sala do berçário; já em 2018, dos 63 dias, encontramos 21 momentos de roda, na sala de 1 ano; e, por fim, no ano de 2019, na sala de 2 anos, dos 88 dias que estivemos em campo, 55 eventos de rodinha foram encontrados.

As análises evidenciaram que durante as rodinhas as professoras usavam diferentes estratégias para que as crianças se mantivessem atentas nelas ou no assunto da roda: palmas, danças acompanhando o ritmo da música, entonação da voz, e o olhar para cada uma das crianças durante a sua fala ou cantoria também eram bastante utilizados. Além disso, as perguntas como “O que mais...?”, “Quem vai...”, “Quem sabe cantar...?”, “Quem conhece...?”, “Quem sabe fazer...?” etc., também as auxiliavam.

Vimos que no ano de 2019, as crianças já observam o que o/a colega faz, com bastante atenção. Olham, atentos/as e esperam sua vez. Aqui, as próprias crianças, que já se comunicam oralmente, começam a dizer a palavra “espera” e elas mesmas esperam. Como? Eles/elas compreendem o que é falado para eles/elas e o que falam. Compreendem que a espera faz parte da rotina. Eles/elas esperam para comer, para brincar, para tomar banho, para irem para o parquinho, dividem o brinquedo com o colega, esperam que ele seja devolvido. Agora esperam para fazer uma atividade proposta pela professora. Não só esperam, prestam atenção na atividade dos colegas, o que é bem interessante. O evento mencionado no início desse texto, do dia 18 de março quando eles/elas mesmos/as começam a rodinha, ilustra isso e nos evidencia como o tempo deles/elas, de atenção compartilhada entre elas/elas mesmos e professoras, aumenta. A iniciativa é deles/as de começar a rodinha, se contarmos o tempo,

eles/as permanecem por mais de 50 minutos em roda, prestando atenção entre eles/as e com a professora. O que não era possível em 2017, e, a partir de 2018, começamos a observar a gênese da disposição das crianças de se organizarem e se manterem de forma autônoma em roda.

O verbo “esperar” no dicionário significa: I. Ter esperança em; estar à espera de; contar com; II. Contar com a realização de algo que se deseja [...] (ESPERAR, 2022). Nesse sentido, vimos que as rodas analisadas, ao longo dos três anos, foram um instrumento pedagógico a partir do qual as crianças aprenderam a esperar. Não apenas isso, elas compuseram um processo em que as crianças, a professora e o espaço-tempo da sala se transformaram mutuamente. E, aqui, estão alguns dos limites e as possibilidades de rodinha: a aprendizagem de esperar o/a colega para balançar, para entregar o brinquedo, esperar uma pessoa terminar de falar para depois falar (turno de fala) e etc.; e por fim, a espera como uma maneira da/o adulto/a (e instituição também) controlar o tempo e o espaço da criança. Mas, o que aprendemos com a rodinha? Bem, como Bombassaro (2010) diz “roda se aprende; roda se ensina!” ou seja, no processo de espera, de esperança, vemos que a atenção das crianças passa a ser compartilhada com os/as colegas, professoras, instituição na medida em que o seu tempo é compartilhado. O que revela a afirmação de Houyuelos (2020, p. 23) sobre as crianças “exigirem de nós o direito de serem esperadas” pois, é na espera, na esperança, que há a possibilidade de transformação.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Roda; Tempo.

#### **Referências:**

BUSS-SIMÃO, Márcia. MAFRA-RABELO, Aline Helena. Formas regulatórias e participação infantil: marcas de descompassos nos momentos da roda na Educação Infantil. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 35, n. 77, p. 245 – 264, set./out., 2019.

BOMBASSARO, Maria Cláudia. **A roda na escola infantil: aprendendo a roda aprendendo a conversar**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2010.

ESPERAR. In: MICHAELIS, **Dicionário Online de Português**. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2022. Disponível em: [<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esperar/>]. Acesso em: 09/08/2022.

HOYUELOS, Alfredo. **Viver os tempos emocionados da infância**. In: CABANELLAS, Maria Isabel. ESLAVA, Clara. ESLAVA, Juan José. POLONIO, Rachel. **Ritmos Infantis: tecidos de uma paisagem interior**. São Carlos: Pedro & João editores, 2020, p. 17-42.

PAIVA, Ana Carine. ARAÚJO, Janice D. Alencar Batista. CRUZ, Silvia Helena. O desenvolvimento da atividade “roda de conversa” em turmas de Educação Infantil. **Da Investigação às Práticas**. Lisboa, v. 9, n. 2, p. 73 – 88, abr., 2019.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira. **Atos de criação: as origens culturais da brincadeira dos bebês**. Tese. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2021.

SILVA, Regina Broco Lima da. LIMA, Norma Silvia Trindade de. FERNANDES, Renata Sieiro. A roda da conversa na educação infantil: instrumento de silenciamento ou

amplificação da voz da criança? **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v.11, n.3, p.1001-1019, set./dez., 2017.